

TRABALHO DECENTE E JUVENTUDE

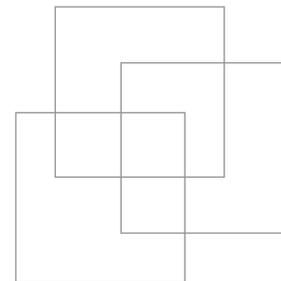


Organização
Internacional
do Trabalho



SÉRIE: SUBCOMITÊ DA JUVENTUDE • AGENDA NACIONAL DE TRABALHO DECENTE

Mais e melhor
educação



Organização Internacional do Trabalho – OIT
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA

MAIS E MELHOR EDUCAÇÃO:
EDUCAÇÃO DOS
JOVENS BRASILEIROS
NO PERÍODO 2006-2013

Joana Costa

Brasília
2015

Copyright © Organização Internacional do Trabalho e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada 2015

Primeira edição: 2015

As publicações da Organização Internacional do Trabalho gozam de proteção de direitos de propriedade intelectual em virtude do Protocolo 2 da Convenção Universal sobre Direitos Autorais. No entanto, pequenos trechos dessas publicações podem ser reproduzidos sem autorização, desde que a fonte seja mencionada. Para obter direitos de reprodução ou de tradução, solicitações para esses fins devem ser apresentadas ao Departamento de Publicações da OIT (Direitos e permissões), International Labour Office, CH-1211 Geneva 22, Suíça, ou por correio eletrônico: rights@ilo.org. Solicitações dessa natureza serão bem-vindas.

As bibliotecas, instituições e outros usuários registrados em uma organização de direitos de reprodução podem fazer cópias, de acordo com as licenças emitidas para este fim. A instituição de direitos de reprodução do seu país pode ser encontrada no site www.ifrro.org.

Dados de catalogação da OIT

Costa, Joana

EDUCAÇÃO DOS JOVENS BRASILEIROS NO PERÍODO 2006-2013 / Joana Costa ; Organização Internacional do Trabalho (OIT) ; OIT Escritório no Brasil ; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). - Brasília: OIT, 2015

ISBN: 978-92-2-830645-3 (print)
978-92-2-830646-0 (web pdf)

Organização Internacional do Trabalho, Escritório da OIT no Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

educação / jovens / inserção profissional / aspecto demográfico / nível nacional / nível regional / tendência / Brasil / 2

06.01

As denominações empregadas e a forma na qual dados são apresentados nas publicações da OIT, segundo a praxe adotada pelas Nações Unidas, não implicam nenhum julgamento por parte da Organização Internacional do Trabalho sobre a condição jurídica de nenhum país, zona ou território citado ou de suas autoridades e tampouco sobre a delimitação de suas fronteiras.

A responsabilidade pelas opiniões expressadas nos artigos, estudos e outras colaborações assinados cabe exclusivamente aos seus autores e sua publicação não significa que a OIT ou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada as endosse.

Referências a empresas ou a processos ou produtos comerciais não implicam aprovação por parte da Organização Internacional do Trabalho ou do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e o fato de não serem mencionadas empresas ou processos ou produtos comerciais não implica nenhuma desaprovção.

As publicações e produtos eletrônicos da OIT podem ser obtidos nas principais livrarias e em redes de distribuição digital, enviando pedidos para: ilo@turpin-distribution.com. Para mais informações, visite o nosso site ilo.org/publns ou entre em contato pelo email ilopubs@ilo.org. Catálogos ou listas de novas publicações estão disponíveis gratuitamente nos endereços acima ou por e-mail: biblioteca_brasilia@ilo.org

Sumário

1. Introdução.....	05
2. Evolução dos Indicadores Educacionais dos Jovens Brasileiros.....	06
3. Desigualdades dos Indicadores Educacionais	08
3.1 Desigualdades por características demográficas: gênero e cor	08
3.2 Desigualdades por características sócio-regionais: renda e rural.....	11
4. Considerações Finais.....	16



EDUCAÇÃO DOS JOVENS BRASILEIROS NO PERÍODO 2006-2013

Joana Costa¹

1. Introdução

A caracterização da situação do jovem no mercado de trabalho não estará completa sem uma análise sobre a escolaridade dos jovens. As decisões do jovem de estudar e trabalhar estão intrinsicamente relacionadas e a formação adquirida pelo jovem é um fator determinante do tipo de inserção no mercado de trabalho. A baixa qualificação dos jovens é frequentemente associada às dificuldades encontradas pelos jovens no mercado de trabalho, como a informalidade, os baixos salários, o desemprego e a alta rotatividade. Assim, a trajetória dos indicadores educacionais dos jovens deve ser considerada para uma compreensão mais ampla da relação entre os jovens e o mercado de trabalho.

O objetivo desse texto é realizar um diagnóstico da educação dos jovens compreendendo o período de 2006 a 2013. Com esta finalidade, serão considerados os dados da PNAD anual. Esta pesquisa abrange todo o território nacional e permite analisar diversos aspectos mais quantitativos da situação educacional dos jovens brasileiros. Não serão considerados ao longo do texto os resultados de testes padronizados como Prova Brasil e Enem, que mensuram o desempenho dos alunos.

¹ Técnica de Planejamento e Pesquisa do IPEA

2. Evolução dos Indicadores Educacionais dos Jovens Brasileiros

No período compreendido entre 2006 e 2013, houve um aumento da escolaridade dos jovens. A tabela 1 mostra uma elevação na quantidade de anos de estudos adquiridos para todas as faixas etárias. A variação foi maior entre os jovens de 25 a 29 anos, e significou um avanço de 1,26 anos ou 14,3%. Apesar de positiva, esta mudança esteve aquém da que seria necessária para que os jovens tivessem uma escolaridade adequada para a sua idade. Em 2013, verifica-se que os jovens entre 15 e 17 anos possuem cerca de 7,73 anos de estudo. Todavia, estes jovens deveriam frequentar o ensino médio, o que implicaria ter entre 8 e 11 anos de estudos. Também aqueles com idade correspondente à faixa etária entre 18 e 24 já deveriam ter completado o ensino médio e possuir 11 ou mais anos de estudo, porém possuem apenas 9,83. Igualmente, os jovens entre 25 e 29 anos de idade possuem, em média, 10 anos de estudos, o que significa ter o ensino médio incompleto. Assim, constata-se que ainda há que se elevar substancialmente o nível educacional dos jovens.

Tabela 1: Anos de Estudo

	2006	2013	Varição (%)
15 a 17	7,26	7,73	6,5%
18 a 24	9,07	9,83	8,4%
25 a 29	8,80	10,06	14,3%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

O avanço na escolaridade dos jovens neste período de 2006 a 2013 também pode ser visto, na tabela 2, ao se considerar a proporção de jovens que completaram o ensino médio ou o superior. O percentual de jovens com ensino médio completo se elevou em 8,6 pontos percentuais e 12,6 p.p. para os jovens nas faixas etárias 18 a 24 anos e 25 a 29 anos, respectivamente. Da mesma forma, houve um aumento de 5,2 p.p. na fração de jovens entre 25 e 29 anos com ensino superior completo. No entanto, ainda é necessário melhorar os percentuais de jovens com ensino médio ou superior completos. Entre os jovens com idade entre 25 e 29 anos, apenas 14,6% concluíram o ensino superior e 61,5%, o ensino médio. Para os jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, 55,2% possuem o ensino médio completo.

Tabela 2: Proporção de Jovens com Ensino Médio e Ensino Superior

	2006	2013	Varição (p.p.)
Proporção com EM Completo			
18 a 24	46,6%	55,2%	8,61
25 a 29	48,9%	61,5%	12,57
Proporção com ES Completo			
18 a 24	2,1%	3,9%	1,80
25 a 29	9,3%	14,6%	5,24

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA



O período de 2006 a 2013 se caracteriza por relativa estabilidade da proporção de jovens estudando (tabela 3). Houve uma elevação de, aproximadamente, 2 p.p. para o grupo etário de 15 a 17, e uma redução de magnitude similar para os grupos das faixas etárias seguintes. Porém, ainda há uma parcela significativa de jovens fora da escola tendo em vista que cerca de 15%, 70% e 90% dos jovens nas respectivas faixas etárias 15-17, 18-24 e 25-29 não frequentam o ensino formal.

Tabela 3: Frequência Escolar

	2006	2013	Varição (p.p.)
15 a 17	82,5%	84,4%	1,89
18 a 24	31,9%	30,0%	-1,85
25 a 29	13,0%	11,0%	-2,02

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

A ausência de crescimento relevante na frequência escolar dos jovens indica que o avanço da escolaridade dos jovens ocorrido no período de 2006 a 2013 é resultado da melhoria do fluxo escolar. De fato, a tabela 4 apresenta uma redução da proporção de jovens estudando em etapas de ensino consideradas atrasadas para a sua faixa etária acompanhada do respectivo aumento de jovens em níveis educacionais adequados. Assim, observa-se que foi reduzida em 6 p.p. a proporção de jovens de 15 a 17 anos frequentando o ensino fundamental. Também ocorreu uma diminuição de cerca de 4 p.p. e 2 p.p. da fração de jovens cursando o ensino fundamental ou o ensino médio para as faixas etárias de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos, respectivamente. Ao mesmo tempo, houve o aumento da parcela de jovens de 15 a 17 no ensino médio (8 p.p.) e da parcela de jovens de 18 a 24 e de 25 a 29 no ensino superior (4 p.p. e 1,3 p.p., respectivamente).

Ainda assim, cumpre destacar que há elevada proporção de jovens com defasagem idade-série. Cerca de 26% dos jovens entre 15 e 17 anos cursam o ensino fundamental, e 11% daqueles na faixa etária de 18 a 24, a educação básica.

Tabela 4: Frequência Escolar por Etapa de Ensino

	2006	2013	Varição (p.p.)
Jovens de 15 a 17 anos			
EF	32,1%	26,1%	-6,03
EM	47,7%	55,8%	8,04
ES	0,4%	1,0%	0,55
Jovens de 18 a 24 anos			
EF	4,0%	1,7%	-2,28
EM	11,2%	9,7%	-1,50
ES	12,9%	16,7%	3,83
Jovens de 25 a 29 anos			
EF	1,2%	0,3%	-0,92
EM	2,0%	0,9%	-1,11
ES	7,4%	8,7%	1,33

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

3. Desigualdades dos Indicadores Educacionais

3.1 Desigualdades por características demográficas: gênero e cor

Ao contrário do que ocorre com os indicadores do mercado de trabalho, a desigualdade educacional por gênero é favorável à mulher. As jovens que são mulheres apresentam uma escolaridade mais elevada do que os homens, o que pode ser constatado tanto ao se analisar a média de anos de estudos adquiridos (tabela 5) como a proporção de indivíduos que completaram o ensino médio ou superior (tabela 6). As tabelas 5 e 6 também permitem concluir que o diferencial entre homens e mulheres manteve-se estável ao longo do período 2006-2013, sendo observado até um pequeno aumento da desigualdade para alguns indicadores.

Em 2013, as mulheres jovens de 18 a 24 anos de idade possuíam aproximadamente 0,8 anos de escolaridade a mais que os homens na faixa etária correspondente. Entre os jovens, as mulheres também apresentam um maior percentual de conclusão do ensino médio (cerca de 10 p.p. acima dos homens) e do ensino superior (quase 5 p.p. maior ao se considerar a faixa etária 25-29).

Tabela 5: Anos de Estudo, por sexo

	Homens			mulheres		
	2006	2013	Variação (%)	2006	2013	Variação (%)
15 a 17	6,97	7,45	7,0%	7,55	8,02	6,3%
18 a 24	8,72	9,42	8,0%	9,42	10,24	8,7%
25 a 29	8,45	9,68	14,6%	9,14	10,42	14,0%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 6: Proporção de Jovens com Ensino Médio e Ensino Superior, por sexo

	Homens			Mulheres		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Proporção com EM Completo						
18 a 24	41,5%	49,4%	7,92	51,7%	61,1%	9,43
25 a 29	45,1%	56,5%	11,43	52,6%	66,2%	13,60
Proporção com ES Completo						
18 a 24	1,6%	2,9%	1,29	2,6%	4,9%	2,32
25 a 29	7,7%	12,1%	4,41	10,9%	16,9%	6,01

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

As mulheres jovens também estão mais presentes no ensino formal do que os homens ao apresentar uma maior taxa de frequência escolar. O diferencial por gênero neste indicador manteve-se entre 2006 e 2013, com alguma redução para as faixas etárias 15-17 e 25-29. Porém, cabe ressaltar que este diferencial não é tão elevado. Em 2013, a diferença máxima ocorre entre os



jovens de 18 a 24 anos de idade, para os quais cerca de 32% das mulheres e 28% dos homens frequentam a escola.

Outro indicador que favorece as mulheres é a proporção de jovens cursando o nível de ensino adequado à sua faixa etária. Em 2013, entre os jovens de 15 a 17 anos, a fração de mulheres cursando o ensino médio era cerca de 10 p.p. maior do que a dos homens (60,7% versus 51%). Para esta mesma faixa etária, enquanto 21,6% das mulheres encontravam-se defasadas cursando ainda o ensino fundamental, cerca de 30,4% dos homens estavam nesta mesma situação. É importante notar que este diferencial manteve-se praticamente constante ao longo do período considerado de 2006 a 2013.

Para as outras faixas etárias, a diferença a favor das mulheres no indicador da parcela de jovens frequentando (ou não) a etapa escolar correta apresenta magnitude inferior. Contudo, apesar de pequeno, chama a atenção o aumento da diferença entre homens e mulheres que cursam o ensino superior, que passou de 3,6 p.p. em 2006 para 5 p.p. em 2013 na faixa etária 25-29.

Tabela 7: Frequência Escolar, por sexo

	Homens			Mulheres		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
15 a 17	81,9%	84,0%	2,11	83,1%	84,7%	1,68
18 a 24	30,8%	28,0%	-2,74	32,9%	32,0%	-0,92
25 a 29	11,6%	9,9%	-1,69	14,3%	12,0%	-2,34

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 8: Frequência Escolar em cada Etapa de Ensino, por sexo

	homens			Mulheres		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Jovens de 15 a 17 anos						
EF	36,2%	30,4%	-5,78	27,9%	21,6%	-6,40
EM	42,6%	51,0%	8,39	52,9%	60,7%	7,82
ES	0,4%	0,6%	0,29	0,5%	1,3%	0,81
Jovens de 18 a 24 anos						
EF	4,5%	2,0%	-2,45	3,4%	1,3%	-2,13
EM	11,4%	9,7%	-1,70	11,0%	9,7%	-1,30
ES	11,1%	14,2%	3,15	14,7%	19,2%	4,56
Jovens de 25 a 29 anos						
EF	1,0%	0,3%	-0,76	1,4%	0,3%	-1,06
EM	1,6%	0,7%	-0,97	2,3%	1,1%	-1,24
ES	6,9%	8,1%	1,20	7,9%	9,3%	1,44

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Em relação às disparidades por cor/raça entre os jovens, os brancos apresentam cerca de um ano a mais de educação do que pretos e pardos, e este diferencial chega a 1,72 ao considerar a faixa etária 25-29 (tabela 9). Como o aumento de anos de estudo foi um pouco mais intenso entre os pretos e pardos, houve uma tendência moderada de redução deste diferencial entre 2006 e 2013.

A propensão a suavizar o diferencial por raça/cor também é observada ao se considerar a proporção de jovens que possuem o ensino médio completo (tabela 10). A melhoria deste indicador ocorre de forma mais acentuada para os pretos e pardos. Assim, apesar de permanecer elevada, a diferença se reduz de 23 p.p. para 18 p.p. entre 2006 e 2013. Contrariamente às tendências de aproximação dos indicadores educacionais de pretos e pardos em relação ao dos brancos, a proporção de jovens com ensino superior completo se elevou um pouco mais acentuadamente para os brancos, o que resultou em um aumento da diferença por cor/raça. Para a faixa etária 25-29, a diferença neste indicador subiu de 11 p.p., em 2006, para 14 p.p., em 2013.

Tabela 9: Anos de Estudo, por cor

	Branco			pretos e pardos		
	2006	2013	Variação (%)	2006	2013	Variação (%)
15 a 17	7,80	8,16	4,6%	6,79	7,43	9,4%
18 a 24	9,90	10,47	5,7%	8,30	9,32	12,3%
25 a 29	9,83	11,01	11,9%	7,81	9,29	18,9%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 10: Proporção de Jovens com Ensino Médio e Ensino Superior, por cor

	Branco			pretos e pardos		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Proporção com EM Completo						
18 a 24	58,7%	65,4%	6,73	35,4%	47,1%	11,71
25 a 29	59,7%	71,6%	11,96	38,6%	53,1%	14,56
Proporção com ES Completo						
18 a 24	3,5%	6,0%	2,51	0,8%	2,2%	1,41
25 a 29	15,1%	22,4%	7,36	3,8%	8,1%	4,29

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Outra desigualdade por raça/cor que ainda persiste em 2013 está relacionada à frequência escolar (tabela 11). Embora a proporção de jovens na escola tenha se elevado mais para os pretos e pardos do que para os brancos com idades entre 15 e 17 anos, a diferença ainda se manteve. Já ao se considerar as faixas etárias seguintes (18-24 e 25-29), verifica-se um aumento da disparidade por raça/cor devido à maior redução deste indicador para os negros. Dessa forma, a vantagem de brancos em relação a pretos e pardos na frequência escolar chega a 8 p.p. para o grupo de jovens com 18-24 anos e a 3 p.p. para os outros dois grupos etários, em 2013.



A tabela 12 revela que a correção do fluxo escolar ocorreu de forma mais intensa para os pretos e pardos do que para os brancos, o que implicou uma redução do diferencial por raça/cor ao longo do período 2006-2013. Vale destacar as variações observadas para os jovens de 15 a 17 anos de idade. A proporção de jovens nesta idade que se encontram defasados cursando o ensino fundamental caiu de 39,4% para 30,6% entre os pretos e pardos, e de 23,6% para 19,7% para os brancos. Este mesmo grupo de jovens elevou sua participação no ensino médio (nível de ensino correto para sua idade) de 38,2% para 50,0% entre os pretos e pardos, e de 58,8% para 63,9% entre os brancos. Apesar das melhorias mais acentuadas dos indicadores para os pretos e pardos, há que se ressaltar a permanência do diferencial favorável aos brancos ao final deste período.

Tabela 11: Frequência Escolar, por cor

	Branco			pretos e pardos		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
15 a 17	85,3%	86,3%	1,03	80,1%	83,0%	2,93
18 a 24	35,0%	34,2%	-0,81	28,9%	26,7%	-2,27
25 a 29	14,2%	12,7%	-1,45	11,9%	9,6%	-2,32

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 12: Frequência Escolar em cada Etapa de Ensino, por cor

	Branco			pretos e pardos		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Jovens de 15 a 17 anos						
EF	23,6%	19,7%	-3,92	39,4%	30,6%	-8,80
EM	58,8%	63,9%	5,14	38,2%	50,0%	11,76
ES	0,7%	1,4%	0,74	0,2%	0,6%	0,45
Jovens de 18 a 24 anos						
EF	2,4%	1,0%	-1,39	5,5%	2,3%	-3,21
EM	9,1%	7,6%	-1,48	13,3%	11,5%	-1,80
ES	19,8%	23,8%	4,05	6,5%	11,0%	4,55
Jovens de 25 a 29 anos						
EF	0,6%	0,2%	-0,44	1,7%	0,4%	-1,38
EM	1,4%	0,6%	-0,81	2,5%	1,1%	-1,42
ES	10,0%	11,1%	1,11	4,9%	6,7%	1,87

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA



3.2 Desigualdades por características sócio-regionais: renda e rural

O período considerado de 2006 a 2013 testemunhou uma redução das disparidades entre as áreas rural e urbana em termos de anos de estudo adquiridos pelos jovens. A tabela 13 expõe como os anos de escolaridade se elevaram de forma mais intensa para os jovens de áreas rurais. Mesmo com a redução, este diferencial permanece elevado e corresponde a 3 anos de estudo na faixa etária de 25-29.

O aumento mais intenso da escolaridade para os jovens de áreas rurais também pode ser visto através da análise da proporção de jovens com ensino médio completo na tabela 14. Para os jovens entre 18 a 24 anos de estudo, a desvantagem da área rural neste indicador se reduziu de 32 p.p. para 22 p.p. ao longo de 2006-2013.

No entanto, destaca-se que a tabela 14 apresenta um aumento da diferença rural-urbano ao se considerar a proporção de jovens com ensino superior completo. Entre os jovens com idade entre 25 e 29 anos, tal proporção subiu de 1,4% para 2,4% na área rural, mas aumentou de 10,5% para 16,1% na área urbana.

Tabela 13: Anos de Estudo, por área (rural e urbana)

	rural			urbano		
	2006	2013	Variação (%)	2006	2013	Variação (%)
15 a 17	6,17	7,10	15,2%	7,49	7,84	4,8%
18 a 24	6,78	8,43	24,3%	9,46	10,03	6,1%
25 a 29	5,54	7,33	32,3%	9,30	10,41	12,0%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 14: Proporção de Jovens com Ensino Médio e Ensino Superior, por área (rural e urbana)

	rural			Urbano		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Proporção com EM Completo						
18 a 24	19,5%	35,6%	16,05	51,2%	58,0%	6,87
25 a 29	17,6%	30,1%	12,43	53,7%	65,5%	11,86
Proporção com ES Completo						
18 a 24	0,2%	0,8%	0,59	2,4%	4,3%	1,92
25 a 29	1,4%	2,4%	0,97	10,5%	16,1%	5,61

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

A tendência de aproximação entre as áreas rural e urbana aparece novamente na tabela 15 que apresenta a evolução da frequência escolar entre 2006 e 2013. A redução do diferencial entre os jovens de áreas urbana e rural ocorreu para todas as idades, mas vale destacar o grupo etário de 15 a 17. A frequência escolar dos jovens de 15 a 17 anos se elevou em 8 p.p. na área rural (subiu de 75% para 83%) e em 0,5 p.p. na área urbana (de 84,1% para 84,6%).



Os jovens de área rural também reduziram de forma mais acentuada a defasagem idade-série em comparação aos de área urbana, especialmente entre aqueles com idade entre 15 e 17 anos (tabela 16). Para esta faixa etária, vale mencionar a redução de 45% para 35% na proporção de jovens ainda cursando o ensino fundamental em área rural. Na área urbana, a redução foi de 29% para 24%. Ainda considerando os jovens de 15 a 17 anos, a tabela 16 apresenta um aumento de 18 p.p. na proporção de jovens cursando o ensino médio na área rural. O mesmo indicador se elevou em 5,6 p.p. na área urbana.

Tabela 15: Frequência Escolar, por área (rural e urbana)

	rural			Urbano		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
15 a 17	75,0%	83,2%	8,19	84,1%	84,6%	0,52
18 a 24	25,2%	23,7%	-1,56	33,0%	30,9%	-2,06
25 a 29	8,2%	6,1%	-2,07	13,7%	11,6%	-2,12

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 16: Frequência Escolar em cada Etapa de Ensino, por área (rural e urbana)

	rural			Urbano		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Jovens de 15 a 17 anos						
EF	45,4%	35,1%	-10,28	29,3%	24,4%	-4,82
EM	28,1%	46,0%	17,88	51,9%	57,5%	5,62
ES	0,2%	0,4%	0,24	0,5%	1,1%	0,59
Jovens de 18 a 24 anos						
EF	8,5%	3,6%	-4,90	3,2%	1,4%	-1,79
EM	12,1%	12,1%	-0,06	11,1%	9,4%	-1,68
ES	2,5%	6,4%	3,81	14,6%	18,2%	3,57
Jovens de 25 a 29 anos						
EF	2,4%	0,6%	-1,83	1,0%	0,2%	-0,77
EM	2,3%	1,0%	-1,21	1,9%	0,9%	-1,08
ES	1,3%	3,1%	1,79	8,3%	9,5%	1,13

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Para se analisar as disparidades educacionais por renda, dividiu-se a população em cinco grupos de igual tamanho (denominados quintis) considerando a distribuição da renda domiciliar per capita. A seguir, são examinados os indicadores dos grupos com menor renda (primeiro quintil) e com maior renda (último quintil).

A tabela 17 caracteriza uma redução do diferencial de anos de estudo por renda. Apesar da redução, este diferencial mantém-se relevante e alcança 5 anos de diferença entre os jovens de 25 a 29 anos



de idade. A aproximação entre os grupos com maior e menor renda também pode ser visualizada na tabela 18 ao se analisar a proporção de jovens com ensino médio. A diferença neste indicador entre o primeiro e o quinto quintis se reduziu de 68 p.p. para 53 p.p., na faixa etária 18-24, e de 72 p.p. para 58 p.p., para o grupo de 25 a 29 anos. Contudo, em 2013, tais diferenças permanecem relevantes e a probabilidade de um jovem concluir o ensino médio é cerca de três vezes maior se ele pertencer ao quintil mais rico em relação ao mais pobre.

Também a proporção de jovens com ensino superior completo se elevou entre os jovens independentemente do nível de renda. Mas o quintil mais rico foi mais beneficiado, o que resultou em um pequeno aumento da diferença que já era relevante. Ao considerar o grupo etário 25-29 em 2013, observa-se que enquanto 33,9% entre os jovens mais ricos possuíam ensino superior completo, 1,2% dos mais pobres haviam alcançado a mesma condição.

Tabela 17: Anos de Estudo, por renda

	quintil 1			quintil 5		
	2006	2013	Variação (%)	2006	2013	Variação (%)
15 a 17	6,10	6,85	12,4%	8,56	8,63	0,8%
18 a 24	6,65	7,89	18,7%	11,55	11,34	-1,8%
25 a 29	5,41	7,09	31,1%	12,21	12,21	0,1%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 18: Proporção de Jovens com Ensino Médio e Ensino Superior, por renda

	quintil 1			quintil 5		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Proporção com EM Completo						
18 a 24	15,5%	25,9%	10,41	83,6%	78,4%	-5,19
25 a 29	14,3%	26,3%	12,00	86,3%	85,3%	-0,97
Proporção com ES Completo						
18 a 24	0,1%	0,3%	0,18	8,2%	10,0%	1,85
25 a 29	0,3%	1,2%	0,89	31,9%	33,9%	1,92

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

A evolução da frequência escolar ao longo do período 2006-2013 se revelou mais favorável aos jovens do primeiro quintil da distribuição da renda (tabela 19). Para os jovens de 15 a 17 anos, a proporção de jovens cursando o ensino formal apresentou tendências contrárias de acordo com a renda. Houve um aumento de 74,3% para 80,9% ao considerar o primeiro quintil da distribuição de renda, e uma redução de 95% para 91,1% no quinto quintil. Uma queda na frequência escolar também foi registrada para as outras faixas etárias, porém ela ocorreu de forma mais intensa entre os jovens com maior nível renda. Assim, houve uma redução do diferencial por renda neste período.

Em relação à defasagem idade-série, a tabela 20 caracteriza uma relevante aproximação entre os jovens com maior e menor renda entre 2006 e 2013. Houve uma redução da proporção de jovens de 15 a



17 anos cursando o ensino fundamental em ambos os quintis apresentados, mas a queda foi de 7,5 p.p. entre os mais pobres e de 0,9 p.p. entre os mais ricos. Este mesmo indicador também se reduziu entre os jovens nas faixas etárias seguintes e a queda foi mais acentuada para o primeiro quintil.

Acompanhando a redução do percentual de jovens cursando uma etapa considerada atrasada para sua idade, houve um correspondente aumento na proporção de jovens no nível adequado ao considerar os jovens com menor renda. Dessa forma, para o grupo com menor renda, observa-se que subiu de 25,2% para 38,6% a parcela de jovens de 15 a 17 no ensino médio, e também se elevou de 0,9% para 4,1% o percentual de jovens de 18 a 24 no ensino superior.

No entanto, entre os jovens de maior renda, a trajetória de redução da proporção de jovens em níveis de ensino atrasados também é observada ao considerar a fração de jovens em etapas de ensino consideradas adequadas à sua faixa etária. Ou seja, há uma diminuição na proporção de jovens de 15 a 17 no ensino médio (de 77,5% para 75,4%) e também no percentual de jovens de 18 a 24 no ensino superior (de 41,6% para 33,5%). Essa queda contribui para a redução da disparidade por renda, mas é estranho observá-la tendo em vista que ainda há espaço para melhoria desses indicadores mesmo entre os jovens de maior renda.

Tabela 19: Frequência Escolar, por renda

	quintil 1			quintil 5		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
15 a 17	74,3%	80,9%	6,54	95,0%	91,1%	-3,96
18 a 24	24,9%	24,5%	-0,37	52,7%	41,4%	-11,31
25 a 29	7,9%	6,4%	-1,50	22,5%	16,8%	-5,72

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA

Tabela 20: Frequência Escolar em cada Etapa de Ensino, por renda

	quintil 1			quintil 5		
	2006	2013	Variação (p.p.)	2006	2013	Variação (p.p.)
Jovens de 15 a 17 anos						
EF	47,0%	39,5%	-7,53	13,2%	12,3%	-0,88
EM	25,2%	38,6%	13,42	77,5%	75,4%	-2,06
ES	0,0%	0,4%	0,42	2,1%	2,4%	0,30
Jovens de 18 a 24 anos						
EF	8,3%	4,7%	-3,61	0,5%	0,4%	-0,11
EM	12,9%	13,6%	0,73	6,0%	6,0%	0,00
ES	0,9%	4,1%	3,24	41,6%	33,5%	-8,17
Jovens de 25 a 29 anos						
EF	2,6%	0,5%	-2,05	0,2%	0,1%	-0,10
EM	2,0%	1,1%	-0,84	0,8%	0,4%	-0,40
ES	0,6%	2,7%	2,05	20,1%	15,8%	-4,32

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA



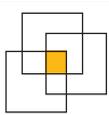
4. Considerações Finais

Em suma, o período de 2006 a 2013 caracterizou-se por uma melhoria da escolaridade dos jovens ao se analisar tanto a quantidade de anos de estudo adquiridos como a proporção de jovens que concluíram o ensino médio ou o superior. Também foi observada uma melhoria na proporção de jovens com defasagem idade-série. No entanto, tais melhorias ficaram aquém do suficiente para que os jovens tenham uma escolaridade adequada para sua faixa etária. Além de ser necessário melhorar ainda significativamente o atraso escolar, é possível também ainda elevar a frequência escolar dos jovens.

Em relação às desigualdades, é possível notar que as maiores diferenças em termos de anos de estudo adquiridos aparecem ao comparar os jovens por renda (5 anos de diferença na faixa etária 25-29). Em seguida, vem as diferenças por áreas urbano-rural (3 anos para o grupo 25-29), por raça/cor (1,7 anos para o grupo 25-29) e por sexo (0,8 para o grupo 25-29).

No geral, é possível afirmar que, entre 2006 e 2013, há uma tendência declinante das diferenças, mas estas persistem de forma relevante ao final do período. Não obstante a redução das disparidades em diversos indicadores, é interessante notar um aumento da desigualdade na conclusão do ensino superior. A proporção de jovens com ensino superior completo cresceu de forma mais intensa para os grupos em situação mais favorável, que são as mulheres, os brancos, os jovens de área urbana e com maior nível de renda. Isso significa que a expansão do ensino superior ocorreu ainda de forma desigual neste período.

Importante ressaltar também que mesmo entre os grupos com melhores indicadores educacionais, ainda há espaço para melhorias relevantes. Por exemplo, a proporção de jovens de 18 a 24 com ensino médio completo corresponde a 61% entre as mulheres, a 65% entre os brancos, 58% entre os jovens em área urbana, e 78% entre os jovens com maior renda. Ou seja, é mister elevar a escolaridade do jovem brasileiro principalmente entre os grupos menos favorecidos, mas também entre os grupos com melhores indicadores.



Organização Internacional do Trabalho

2015